

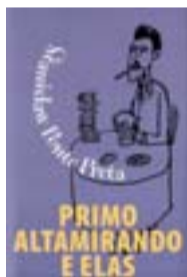
BOA LEITURA



UMA HISTÓRIA DE DEUS – A historiadora e intelectual especializada em religião Karen Armstrong persegue neste ensaio as representações judaica, cristã e muçulmana da idéia de um Deus monoteísta. Companhia das Letras, 560 páginas, R\$ 29,50



AUTO DA SIBILA CASSANDRA – Gil Vicente, o grande nome do teatro medieval português, tem lançado em edição bilíngüe esta peça, escrita originalmente em castelhano, que mistura a mitológica Cassandra com temas cristãos. Cosac Naify, 160 páginas, R\$ 32.



PRIMO ALTAMIRANDO E ELAS – Republicação de crônicas, esquetes e contos de Stanislaw Ponte Preta, pseudônimo com o qual o jornalista carioca Sérgio Porto tornou-se um dos grandes nomes do humor nacional. Editora Agir, 210 páginas, R\$ 34,90.



QUEM PAGOU A CONTA? – Com o subtítulo de *A CIA na Guerra Fria da Cultura*, esta reportagem de Frances Stonor Saunders aborda as batalhas de propaganda cultural e ideológica entre os EUA e a União Soviética. Editora Record, 564 páginas, R\$ 68.



Daniel Day-Lewis vive o ambicioso Plainview no filme "Sangue Negro", inspirado no romance "Oil!", de Upton Sinclair

Literatura como engajamento

Filme em cartaz nos cinemas de Porto Alegre chama a atenção para a obra do escritor americano Upton Sinclair, autor hoje pouco conhecido no Brasil, que conjugou carreira literária com ativismo político de esquerda

MOACYR SCLiar

Sangue negro (*There Will Be Blood*) é um filme que tem muitos méritos: uma grande história, a segura direção de Paul Thomas Anderson, a notável interpretação de Daniel-Day Lewis. E também evoca o escritor americano Upton Sinclair, de cujo romance *Oil!* o roteiro foi livremente adaptado. Nascido em 1878, Sinclair faleceu há exatos quarenta anos, o que não deixa de ser significativo: como os revolucionários daquele ano de 1968, Upton Sinclair era um visionário, um homem que lutava por uma nova sociedade e disso sua literatura dá testemunho.

Nascido em Baltimore, no Estado norte-americano de Maryland, Upton Beall Sinclair Jr. era filho de um vendedor de bebidas alcoólatra e teve uma infância sombria. Provavelmente nasceu daí a revolta que muito cedo tornou-o um contestador de esquerda. Foi socialista, foi anarquista, criou uma colônia coletiva, a Helicon Hall Colony, aliás destruída por um incêndio. Entrou na política, candidatando-se ao Senado com apoio do minúsculo Partido Socialista dos Estados Unidos, foi derrotado; seguiram-se mais duas tentativas, uma para o Congresso, outra para o governo da Califórnia, ambas sem

sucesso. Em compensação sua carreira literária deslançou: Sinclair escreveu mais de 90 livros. O sucesso veio em 1906 com o best-seller *The Jungle* (*A Selva*), sobre as atroz condições da indústria da carne nos Estados Unidos (uma cena em que um operário cai na máquina, é triturado e vira salsicha impressionou particularmente o público). A repercussão foi tal que forçou o governo a instituir a inspeção federal da carne. *Boston*, publicado em 1928, defendia a inocência dos anarquistas Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, acusados de roubo e assassinato. Na verdade, ambos eram mesmo culpados e até hoje se discute se Sinclair sabia disso quando escreveu o livro.

Upton Sinclair fazia parte de uma geração de escritores, artistas e intelectuais engajados na causa da transformação social, os Muckrackers ("os que se espojam na lama"), termo depreciativo usado pelo conservador presidente Theodore Roosevelt, para definir aqueles que denunciavam escândalos e injustiças. O grupo incluía Jack London, Sinclair Lewis, Dorothy Parker, John Dos Passos, John Steinbeck, Michael Gold, Albert Einstein, Robert Oppenheimer, Charlie Chaplin, Theodore Dreiser, Waldo Frank, Max Eastman (alguns dos quais amigos pessoais de Sinclair), gente que publicava através de periódicos como *Modern Monthly*, *New Masses* e *Partisan Review*. Para muitos destes, a desilusão com o co-

munismo veio cedo, já nos primeiros anos do estalinismo; outros custaram a abandonar o barco. Mas Upton Sinclair era mais um ingênuo do que um ideólogo. Sua adesão ao esquerdismo tinha algo de místico, de religioso, tanto que, a certa altura de sua vida, começou a se interessar por telepatia e levitação; publicou até um livro sobre o assunto. Neste sentido há uma certa semelhança entre ele e os personagens do filme. Como o prospectador de petróleo, ele é um true believer; Daniel Plainview (este nome, que significa "visão ampla", é irônico, porque se trata de alguém que enxerga longe, mas, ao mesmo tempo, tem a visão limitada pela obsessão) só tem um objetivo: descobrir petróleo e, desta maneira, enriquecer. Igualmente fantástico é o jovem pastor Eli (Paul Dano), com quem Daniel entra em conflito.

De qualquer modo, Sinclair foi daqueles que lutou por um mundo melhor. Um mundo que não cometesse os erros (e os crimes) que vemos em *Sangue Negro* e dos quais o Iraque dá diário testemunho.

CULTURA

ZERO HORA

Edição: Carlos André Moreira (interino)
Diagramação: Isabela Rodrigues

Telefone: (51) 3218-4726
E-mail: carlos.moreira@zerohora.com.br